

VOVÓ CICI, CONTA UMA HISTÓRIA!

■ ADRIANE CARNEIRO DE ALMEIDA

 <https://orcid.org/0009-0008-7177-6638>

Rede Municipal de Alagoinhas, Bahia

■ MARCO ANTONIO LEANDRO BARZANO

 <https://orcid.org/0000-0003-3273-9216>

Universidade Estadual de Feira de Santana

RESUMO

Os conhecimentos ancestrais no Brasil são transmitidos oralmente de geração a geração e as práticas de produção e transmissão destes saberes acontecem em escolas de capoeira, em sambas de rodas, conversas com as/os mais velhas/os etc. Este artigo foi produzido a partir de uma pesquisa do Mestrado em Educação. A abordagem é qualitativa, do tipo (auto)biográfica, tendo a conversa como ferramenta de produção de informação. O objetivo geral foi compreender como os griôs, a partir de saberes populares, desenvolveram ações educativas em suas experiências com ações educativas na Ação Griô Nacional. Conversamos com cinco griôs, mais velhas/os, guardiãs/ões de saberes populares afro-brasileiros, porém, para o presente artigo, apresentamos apenas aquilo que conversamos com Vovó Cici. Conversando com os griôs, em especial, vovó Cici, compreendemos o que os motivaram a participar das atividades da Ação Griô Nacional: estas/estes griôs acreditam na educação como meio de transformação de realidades, consideram o trabalho que realizaram gratificante, a atividade como griô nesta Ação oportunizou a troca de saberes entre diferentes griôs.

Palavras-chave: Griô. Vovó Cici. Ancestralidade afrodiásporica. Ação Griô Nacional.

ABSTRACT

GRANDMOTHER CICI, TELL A STORY!

Ancestral knowledge in Brazil is transmitted orally from generation to generation and the practices of production and transmission of this knowledge take place in capoeira schools, in samba circles, conversations with older people, etc. This article was produced based on research from the Masters in Education. The approach is qualitative, of the (auto)biographical type, with conversation as a tool for producing information. The general objective was to understand how griôs,

based on popular knowledge, developed educational actions in their experiences with educational actions in the National Griô Action. We spoke with five griôs, older people, guardians of Afro-Brazilian popular knowledge, however, for this article, we only present what we talked about with Vovó Cici. Talking to the griôs, especially Grandma Cici, we understood what motivated them to participate in the activities of the National Griô Action: these griôs believe in education as a means of transforming realities, they consider the work they did rewarding, the activity as a griô This Action provided an opportunity for the exchange of knowledge between different griôs.

Keywords: Griô. Vovó Cici. Afrodiasporic ancestry. Ação Griô Nacional.

RESUMEN **¡ABUELA CICI, CUENTA UNA HISTORIA!**

Los conocimientos ancestrales en Brasil se transmiten oralmente de generación en generación y las prácticas de producción y transmisión de estos conocimientos se llevan a cabo en escuelas de capoeira, en círculos de samba, conversaciones con personas mayores, etc. Este artículo fue elaborado a partir de una investigación de la Maestría en Educación. El enfoque es cualitativo, de tipo (auto)biográfico, con la conversación como herramienta de producción de información. El objetivo general fue comprender cómo los griôs, a partir del saber popular, desarrollaron acciones educativas en sus experiencias con acciones educativas en la Acción Nacional Griô. Hablamos con cinco griôs, personas mayores, guardianes del saber popular afrobrasileño, sin embargo, para este artículo presentamos sólo lo que hablamos con Vovó Cici. Hablando con los griôs, especialmente con la abuela Cici, entendimos lo que los motivó a participar en las actividades de la Acción Nacional Griô: estos griôs creen en la educación como medio para transformar realidades, consideran gratificante el trabajo que realizan, la actividad como griô Esta Acción brindó una oportunidad para el intercambio de conocimientos entre diferentes griôs.

Palabras clave: Grillo. Abuela Cici. Ancestralidad afrodiasporica. Acción Grillo Nacional.

Introdução

O presente artigo apresenta reflexões e conhecimentos construídos na pesquisa de Mestrado em Educação, cursado em uma universidade pública baiana, cujo objeto de estudo foi a experiência com cinco contadores de histórias na Ação Griô. No estudo em tela, o foco foi a contribuição da Pedagogia Griô, presente em uma política cultural que atende escolas e grupos culturais em diversas regiões brasileiras.

Partiu-se de nossa experiência com a Pedagogia Griô, em que temos a compreensão de uma pedagogia que estimula o diálogo e a vivência entre os diferentes saberes, da tradição e da contemporaneidade, saberes estes dos povos indígenas e dos afro-brasileiros; os saberes escolares com os construídos nas comunidades.

Tendo a figura da ou do griô como referência para estabelecer esta mediação, pois são percebidas/os como guardiãs/ões e memórias vivas de saberes ancestrais, estes são “entendidos como a herança cultural construída ao longo dos anos que remetem aos valores, raízes, crenças, ritos, conhecimentos construídos/constituintes pelas/das comunidades tradicionais” (Ximenes, 2012, p. 22). Griô é uma forma “abrasileirada” da palavra *griot* e é utilizado nesta pedagogia tomando como referência o griotismo, atividades desenvolvidas pelos *griots* na região do Mali, África Ocidental.

A Pedagogia Griô se desdobrou na Ação Griô Nacional, que teve como objetivo instituir uma política nacional de transmissão dos saberes e fazeres da tradição oral do Brasil, fazendo-os dialogar com a educação formal e assim contribuir para o fortalecimento da identidade e dos vínculos ancestrais dos brasileiros. Participaram desta ação nacional griô aprendiz, griô de tradição oral e mestres de tradição oral. Estes sujeitos participaram da Ação Griô em projetos pedagógicos de autoria de instituições

do tipo Ponto de Cultura e Entidades sem Fins Lucrativos, de Natureza Cultural.

A partir desta delimitação, a pesquisa problematizou a potência dos saberes ancestrais afro-brasileiros como referência para processos de produção de conhecimentos em escolas e universidades. Do ponto de vista da dimensão epistemológica da pesquisa, trata-se de uma perspectiva decolonial. A escolha deste universo epistêmico potencializou os diálogos construídos no trabalho entre as bases acadêmicas e as narrativas/experiências das/dos participantes da pesquisa.

Por colocar no centro do estudo narrativas de pessoas mais velhas negras baianas da tradição oral, que se dispuseram a integrar processos educativos escolares, e fazer dialogar estas narrativas com estudos acadêmicos na perspectiva decolonial, entendemos que a pesquisa coopera: na visibilização dos saberes afro-brasileiros; na positivação da história ancestral das negras e negros brasileiros, tão necessário para enraizá-los, e construir o sentimento de alteridade em toda sociedade brasileira; na percepção dos saberes de tradição oral dos afro-brasileiros como referência e legado pedagógico na implementação de uma educação das relações étnico-raciais, proposta pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Dos cinco integrantes da pesquisa, trouxemos para este artigo, a narrativa de Vovó Cici, uma griô, que desenvolveu seu trabalho de contadora de histórias da Ação Griô Nacional na Fundação Pierre Verger.

Fios Metodológicos da pesquisa

O início do crochear¹ metodológico se deu quando realizamos uma busca em bases de dados acadêmicos com dois descritores: “Griô” e “Ação Griô Nacional”. Consultamos a base Scie-

¹ Metáfora com o ato de praticar o crochê.

lo, a Biblioteca da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Apenas no catálogo da CAPES conseguimos localizar algumas produções: cinco dissertações e três teses defendidas entre 2008 e 2022 e localizamos vinte e duas dissertações e nove teses. Em alguns dos trabalhos localizados, a palavra *griô* aparece como parte de uma expressão: nome de um grupo de pesquisa, eventos acadêmicos, curso e ainda em situações em que surge o termo *Pedagogia Griô*, sem essa ser o foco do estudo.

Dialogando com a abordagem qualitativa e para atender o que demanda os objetivos propostos, utilizamos a pesquisa (auto)biográfica que, para Souza; Meireles (2018, p. 287), este tipo de pesquisa vem sendo desenvolvida com o intuito de “ouvir, compreender e apreender experiências de vida de uma diversidade de sujeitos implicados em contextos educacionais e sociais”.

A (auto)biografia passou a ser usada intensamente no Brasil a partir da década de 1990; seguindo o movimento dos estudos da pesquisa qualitativa, ela é criada na perspectiva dos etnométodos (pensar as micro histórias) e da hermenêutica fenomenológica (pensar os sentidos e significados); a/o pesquisadora/or ao desenvolvê-la participa, interage e cria aproximação e afetividade com as/os participantes da pesquisa; as narrativas, história oral, fotos/narrativas imagéticas/fotografias, vídeos, filmes, diários/cartas, documentos em geral, escritas ou narrativas digitais, ateliê biográfico, entrevista narrativa e documentação narrativa de experiência pedagógica são fontes deste tipo de pesquisa (Abrahão, 2003; Souza, 2007; Passeggi; Souza; Vicentini, 2011).

Entre as fontes citadas, a escolhida para nossa pesquisa foi a história oral de vida, por

esta dialogar: a) com a maneira de ser da tradição oral - testemunho ou verbalismo transmitido de diferentes formas de geração para geração sendo o corpo guardião de memórias e saberes ancestrais; b) com o perfil e contexto de atuação das/os participantes da pesquisa, mais velhas/os que atuaram na Ação Griô Nacional na qualidade de griôs; c) por considerar que o uso desta fonte seja uma forma de homenagear os excluídos, transformando suas memórias em histórias e assim recuperar os sentidos das vozes ausentes, parafraseando Souza (2007).

Em relação à produção de informações, utilizamos a conversa, por compreender que seja capaz de integrar e materializar as escolhas metodológicas. Ela é:

uma metodologia que se produz com os sujeitos e suas vozes em um movimento dinâmico e imprevisível. A cada nova palavra, a cada novo acontecimento, a cada nova experiência ressignificado na palavra do outro a pesquisa abre-se para uma nova trilha. Caminhos abertos pela conversa... (Albuquerque, 2010, p. 56).

A conversa aconteceu a partir de um planejamento que continha perguntas e afirmativas geradoras elaboradas a partir do contato com documentos (fotos, vídeos, catálogos, livros, entre outros) que apresentaram alguns registros e produtos das ações educativas desenvolvidas pela participante da pesquisa. Estes materiais foram localizados nos sites das instituições que atuaram em parceria com as/os griôs. Desta forma, usamos como segunda fonte, a documental, utilizada com base nas produções de Antonio Gil (2008).

A escolha das/os participantes da pesquisa se deu por meio de leitura da Portaria nº 6/200810 (Brasil, 2008), que divulgou as entidades que tiveram seus projetos pedagógicos selecionados pela Secretaria de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura para serem beneficiadas pelo Programa Ação

Griô Nacional. As entidades e as/os griôs estão localizadas/os no Território de Identidade Portal do Sertão, Recôncavo, Metropolitano de Salvador e Chapada Diamantina.

Quanto ao processo de análise dos dados produzidos na pesquisa ocorreu, sobretudo, segundo Minayo (2014), no que se refere aos seus estudos sobre Análise Temática (AT).

Ação Griô Nacional: uma dobra da Pedagogia Griô

O termo griô foi abrigado da palavra *griot*. Lilian Pacheco, criadora da Pedagogia Griô, afirma:

A palavra foi abrigada durante nossa caminhada como educadores e idealizadores do Grãos de Luz e Griô, nas comunidades de Lençóis, Chapada Diamantina, em busca de criar um projeto político pedagógico nas comunidades tradicionais da região onde nascemos. (Pacheco, 2015, p. 96).

A palavra griô passou a ser usada pela ONG Grãos de Luz e Griô em 1998, na realização de atividades educativas comunitárias vinculadas a tradição oral da cidade de Lençóis Bahia. As atividades realizadas pela Grãos de Luz com a Pedagogia Griô inspirou a realização da Ação Griô Nacional.

O Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva criado pela Portaria nº 156, de 06 de julho de 2004, teve como objetivo investir na cultura de base comunitária do Brasil facilitando o acesso, a promoção e produção desta de forma a potencializar suas diferentes expressões. O público do programa era de estudantes da Educação Básica, agentes culturais, artistas, professores e militantes na luta contra a exclusão social e cultural do país e, comunidades indígenas, rurais e quilombolas. Para a ampla execução de suas ações em território nacional em 2005 o Ministério da Cultura via edital reconheceu algumas entidades

como Pontos de Cultura - entidades “responsáveis por estruturar e articular as demais ações que integravam esse Programa”. (Rocha, 2011, p. 67). Em 2014, o Cultura Viva se tornou política pública por força de lei, Lei nº 13.018/2014 (Rocha, 2011; Brasil, 2014).

Em sua atuação como Ponto de Cultura, a partir de 2005, a Grãos de Luz e Griô idealizou e propôs ao Ministério da Cultura a Ação Griô Nacional. A propositiva foi aprovada pelo Ministério da Cultura e em 2006 foi lançada (Carvalho, 2013; Pereira, 2015). A Ação Griô objetivava a:

Integração dos saberes de tradição oral a espaços formais da educação pública – escolas e/ou universidades – com o objetivo de fomentar uma rede de transmissão oral no país. Esta integração estaria estruturada em um tripé: comunidade representada pelos griôs e mestres de tradição oral, escola pública e ONGs. (Lopes, 2011, p. 143).

A cultura do griotismo, conseguinte, o *griot*, da África Ocidental foi a referência para o desenvolvimento das ações educativas da ONG. O *griot* na África Ocidental é compreendido como uma casta e animadores públicos subdividida em subcategorias as quais ocorrem de acordo com suas especialidades, por exemplo: *griots* músicos, genealogistas, *griot* domas e *griot* comum ou *diele*, entre outros. Os *griot domas* dobram as palavras para falar apenas a verdade, sendo a verdade a orientação de valor e ética de seu trabalho e o *griot* comum ou *diele* tem permissão para usar de sua arte com as palavras para enfeitar o que fala, seja com a intenção de chamar a atenção do público que o assiste, seja para alcançar o objetivo da mensagem/história que anuncia. Estes sujeitos por tradição nascem na casta *griot*, mas há também a possibilidade de um não *griot* ser iniciado no ofício/arte de dobrar palavras se tornando *griot* pelos estudos de iniciação (Bâ, 2010).

De certo modo, as ações da Ação Griô Nacional se aproxima do pensamento de Gomes

(2017) em relação a ideia de considerar que é necessária a aproximação entre escolas, universidades e as pautas dos movimentos sociais. O que significa que tais pautas devem ser referências para a elaboração de documentos que regem as práticas pedagógicas. Analisando o cenário educativo sobre esta questão a pesquisadora aponta que os projetos, currículos e práticas educacionais possuem dificuldade para estabelecer uma relação com os saberes produzidos pelo Movimento Negro, pelos movimentos sociais, grupos não hegemônicos e por setores populares.

Assim, é possível afirmarmos que a Ação Griô Nacional se balança em mares de perspectiva decolonial. É ventania nos quatro cantos geográficos soprando a história do povo brasileiro a partir das narrativas das/os griôs. O que nos faz lembrar do provérbio mandinga *griot* tradicional, dito pelo *griot* Toumani Kouyaté: ‘antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é’². Portanto, é preciso nos conhecer, conhecer nossa história para que possamos colaborar na construção e exigir a melhor educação para todas/os as/os estudantes do Brasil.

Tradição Oral: referência necessária para um projeto de Educação Decolonial

A colonização implicou na desconstrução da estrutura social, reduzindo os saberes dos povos colonizados à categoria de crenças ou pseudosaberes sempre lidos a partir da perspectiva eurocêntrica. Essa hegemonia, no caso da colonização do continente africano, passou a desqualificar e invisibilizar os saberes tradicionais, proporcionando uma completa desconsideração do pensamento filosófico destes povos. (Nogueira, 2014, p. 27)

2 NOGUEIRA, Renato. “Antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é”: tecnologia griot, filosofia e educação. **Problemata: R. Intern. Fil.**, Paraíba, v. 10, n. 2, p. 258-277, 2019.

Na contramão da colonialidade, centralizamos neste estudo as falas de mais velhas/os negras/os brasileiros/as afirmando suas narrativas orais, instituídas no universo da tradição oral, como exemplos de filosofia, epistemologias que existem com igual valor ao da academia, mas não por comparação e possibilitamos a visualização de impactos positivos da presença destes sujeitos praticantes da educação em espaços educativos (escolas e universidades) na formação das/os estudantes. Deste modo, nos movimentamos intelectualmente contra o racismo epistêmico³.

Por se tratar de um instrumento legal, estamos falando de direitos educativos que passaram a ser garantidos por força legal, conseqüentemente passa a ser dever do sistema educacional do Brasil e das/os profissionais da educação fazer com que as/os estudantes brasileiros/as, principalmente as/os afro-brasileiras/os, acessarem este direito. Além deste instrumento legal há outro que, no nosso entendimento, explica com profundidade e nitidez o que propõe de maneira resumida a lei supracitada, falamos do Parecer CNE/CP 3/2004 que apresenta Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Tanto o pensamento de Renato Nogueira (2014) quanto estes instrumentos legais reconhecem que há uma determinada demanda educativa a ser atendida e isso, segundo o Parecer CNE/CP 3/2004:

Implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se

3 “Conjunto de dispositivos práticas e estratégias que recusam a validade das justificativas feitas a partir de referenciais filosóficos, históricos, científicos e culturais que não sejam ocidentais.” (Nogueira, 2014, p. 27).

conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira. [...] Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas. (Brasil, 2004, p. 3-4)

Tradição oral: uma conversa com Vovó Cici

Em nossa conversa, ao pedir para ela falar um pouco sobre si, disse:

O meu nome é Nancy de Souza e Silva. Eu não gosto desse Silva, então eu digo que eu sou Nancy de Souza. Nasci em 2 de novembro de 1939. Me chamo Nancy porque no dia que eu nasci a cidade de Nancy, na França, é uma cidade portuária, ela tava sendo bombardeada pelos alemães. Durante a segunda guerra mundial! Então, eu sou Nancy por isso! Tenho uma prima que chama-se Nice porque pelo mesmo sentido, ela nasceu no mesmo ano que eu. Então, meu pai e meu tio combinaram: Nancy eu e Nice a outra, em memória das cidades que foram bombardeadas neste dia. Eu nasci no Rio de Janeiro. Me considero da raça negra. Eu precisei sair do Brasil para aprender muitas coisas sobre mim. Eu aprendi que preto é cor e negro é raça. A raça negra tem várias matizes, por isso se diz raça. Porque na Europa e nos Estados Unidos, onde eu já fui cinco ou quatro vezes, é muito observado. A primeira coisa, a primeira fotografia que eles guardam da pessoa é o fenótipo. Eles lá, nos Estados Unidos, a criança ela é de pequeninha obrigada a saber a raça dela. E eles falam isso com muita naturalidade, o que as pessoas negam aqui. Lá não, lá não nega não! (GRIÔ VOVÓ CICI).

Além de se apresentar, Vovó Cici nos convoca com esta fala a pensar sobre o que são humanos racializados, racismo, preconceito racial e discriminação racial e o que isso tudo pode afetar na construção das identidades e participação social.

Com Munanga (2006), a partir da palestra proferida no III Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB, no Rio de Janeiro, em 2003 aprendemos o uso e conceito do termo raça. Aprendemos que a raça foi criada para segregar humanos de forma que garantisse a manutenção dos direitos dos brancos, povos colonizadores no Ocidente. A partir desta conceituação inculcou-se o sentimento de superioridade da raça branca e de inferioridade da raça negra. Sendo que a população branca não se sente racializada, mas a população negra sofre historicamente processos de expulsão e exclusão advindas deste processo segregador. A raça foi construída ideologicamente, portanto, sem fundamentação científica. Suas bases estão fincadas na dimensão biológica e étnico-racial dos seres humanos (Almeida, 2020).

Ao organizar a sociedade humana a partir da concepção de raça, a sociedade age de forma racista tanto no âmbito das relações individuais quanto das institucionais. Tudo para que a branquitude justifique suas ações violentas para mantê-los com este status de superioridade e acesso a bens, mais que as outras raças.

Quando Vovó Cici fala da negação, da não discussão sobre questões raciais com crianças e ao dizer que precisou sair do Brasil para compreender-se melhor, ela reafirma a necessidade de se cumprir as leis que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena do Brasil.

Vovó Cici reside em Salvador, Bahia, cidade localizada no Território de Identidade Metropolitano de Salvador. Nesta cidade trabalha como contadora de histórias na Fundação Pierre Verger, mas começou fazendo legendas de fotos. Relatou nossa contadora de histórias: “Eu venho trabalhar com Pierre Verger fazendo legendas de fotos. Eu fiz 11.000 legendas. Ele tirava a foto e eu procurava saber a história daquela foto, aí começou a entrar na minha cabeça, pois eu tinha que ler o tempo todo.” (GRIÔ VOVÓ CICI).

A Fundação Pierre Verger tem um espaço cultural, nele são realizadas atividades que envolve cultura e a educação. Foi neste espaço que Vovó Cici começou a contar histórias para crianças. Mas tudo começa com a visita de pesquisadoras/es estrangeiros a entrevistando para conhecer os trabalhos de Pierre Verger, já que ela conviveu com ele e trabalhou ao seu lado. Vovó Cici nos conta que:

Quando eu venho trabalhar aqui em cima, que se fez o espaço cultural, aí começa a vir crianças, aí as pessoas passam a me conhecer! Por que na realidade contar histórias, eu sou a primeira pessoa a contar. Começou primeiro as pessoas procurando pra pesquisar, primeiro a pesquisa! Antes de vir trabalhar aqui eu começo a trabalhar com gente estrangeira para fazer tese de pesquisa comigo porque eu trabalhei com Pierre Verger, entendeu agora? Foram muitas pessoas estrangeiras, muitas que vocês não tem nem ideia! Graças a isso eu conheço vários países. [...] Primeiro começa com aos meus pesquisadores, depois dos pesquisadores são pesquisas históricas, que as pessoas então começam a me achar além de pesquisadora, como eu tenho a forma de contar a história que ele vem pesquisar, o como. Como é o como? O como eu digo, e chego para a senhora digo assim, uma suposição: a fábula dele, de La Fontaine, ele usa animais no lugar de gente. Eu vou contar uma história, a raposa e o lobo se parecem, mas eles tem caracterizas diferentes. Uma hipótese eu vou usar, a senhora é uma raposa eu sou um lobo, a senhora é esperta, eu não sou tão esperto, mas sou sabido. Conforme a senhora se movimenta e mexe seus olhos e se movimenta e vem pra o meu lado eu também vou me movimento e vou me preparar para o que der e vier. Então, quando a gente conta uma história que eles ficavam observando e via como eu fazia, aquele povo tal que é assim, aquele povo tal que é mais assim, aquele povo que é assim. Qual o povo que é assim silencioso? O povo oriental. Qual o povo que não guarda muito que vem logo querendo perguntar? É o povo europeu, entende! Qual é muito desconfiado que nada vai falar? São os indígenas! Por que cada pessoa tem uma característica! (GRIÔ VOVÓ CICI).

Antes dela contar sua experiência de contadora de história no espaço cultural Pierre Verger ela contou como aconteceu seu primeiro contato com histórias, como se inspirou e se contou histórias antes de trabalhar na instituição supracitada. Vovó Cici contou que certa vez na infância havia uma babá que ajudava sua avó a cuidar dos netos e de seu pai quando doente. Quando as crianças se juntavam ficavam inquietas. Então, para acalmá-los a babá contava histórias. A primeira história que Vovó Cici escutou foi contada por esta babá, tinha origem indígena e negra, e se tratava de uma história de mistério. A babá descendia de “escravos que libertos continuaram na casa dos seus senhores”. Vovó Cici explicou ainda que na história os personagens eram animais e que se tratava de um tipo comum de história. Nelas não têm príncipes, nem seres humanos. Vovó Cici afirmou que: “Essa foi a primeira história que vai me incentivar a contar outras histórias!” Após ouvir isso indaguei: E foi assim que a senhora caminhou pelo caminho da história? Ela respondeu: “Ainda estou caminhando, tenho muito que aprender”. (GRIÔ VOVÓ CICI).

Para Vovó Cici, suas histórias mudaram a partir do momento em que ocorreu sua

Iniciação há 50 anos atrás quando entrei na Cultura afro-brasileira e eu vou fazer Culto aos Orixás. A gente então, através das mulheres antigas do Candomblé, a gente começa a aprender a história, a dançar a história e a entender o que canta a história. Você canta uma história, canta uma cantiga que conta uma história que você dança, a partir disso que pessoas ligadas a outras culturas viram e chegaram até a mim. [...] Muitos compromissos espirituais com as histórias! (GRIÔ VOVÓ CICI).

Estas cantigas, histórias cantadas e dançadas se apresentam como práticas educativas próprias da tradição oral afro-brasileira e o Candomblé um espaço religioso que

mantem viva a memória histórica dos afro-brasileiros.

Ao ouvir esta fala, indaguei-a: foi assim que a senhora entrou de vez na contação de histórias? Ela respondeu da seguinte maneira: “Não o trabalho de contação de histórias, mas de pesquisa! A contação de história veio a partir de pesquisa. Porque você pra ser pesquisador você tem que conhecer a história de uma determinada coisa.” (GRIÔ VOVÓ CICI).

Ela ainda apresentou uma justificativa para a escolha das histórias contadas por ela:

Então, porque eu conto conto afro-brasileiros? Porque eu sou negra! Por que eu aprendi dentro da minha religião. Eu aprendi com o grupo que veio escravizado para cá, que fez o Brasil e todos seus estados progredir! Foi a mão negra, a mão vinda da África. Então, eu conto os primórdios da história. (GRIÔ VOVÓ CICI).

Nesta fala e em momento anterior, ela demonstra: compromisso espiritual com as histórias e seu povo, a população negra brasileira; usa os conhecimentos que possui acerca de suas raízes histórias para favorecer seu povo mantendo viva a memória ancestral de seus antepassados.

Como é possível notar em suas falas, Vovó Cici tem forte relação tanto com a escrita quanto com a tradição oral. Sua vida escolar iniciou em 1946, passou pela ditadura militar, marcando significativamente de forma negativa sua vida e as chances de concluir os estudos. Narmando sobre essa parte da história, Vovó Cici conta o que lhe ocorreu:

Então, eu fui pra escola primária, escola Francisca Cabrita, no Rio de Janeiro, em 1946, me parece. Me lembro muito bem de 1947. Depois eu faço o curso de admissão, que era separado do curso primário, depois eu faço o ginásio e depois eu vou escolher o científico ou clássico. O científico era pra quem ia pra ciências, como a gente diz hoje, o científico, abrangia as pessoas que fossem estudar Matemática, Medicina e o clássico era isso o que eu faço. Era a literatura,

Sociologia, Antropologia e eu sempre gostei de Sociologia. Então, eu vou estudar e trabalhar! É quando eu paro de estudar, volto a estudar novamente e vem os problemas de 1964. Eu passo por todos esses problemas de 1964 e o auge foi 1968, eu não consigo me formar. [...] Eu estudei num lugar chamado Calabouço, porque é um ponto extremo do Rio de Janeiro onde ficavam as prisões do século XXVIII. A pessoa ficava perto do mar e tinha um restaurante dos estudantes e junto do restaurante dos estudantes tinha um curso que não era muito oficializado porque eles eram contra o governo da época. Eu terminei de estudar ali. Então, eu termino de estudar ali no dia que é bombardeado, que jogam bomba e a gente tem que fugir, descer correndo. Então, aquilo foi traumático pra mim. (GRIÔ VOVÓ CICI).

Após passar por esta experiência e ao dizer que terminou ali os estudos, procuramos saber se se tratava da conclusão do Ensino Médio, e ela me respondeu que não: “Não! Eu não tenho documento, tenho história! Tem história pra contar, eu tenho lugar que se vá e tudo! Eu não consegui mais estudar!” [...] Parei aí! Meu curso foi trabalhar e aproveitar livros! Eu li toda a história de Jorge Amado.” (GRIÔ VOVÓ CICI).

De acordo com Vovó Cici sua participação na Ação Griô se deu a partir de um convite que “veio do Ponto de Luz e Griô de Marcio e professora Lilian. [...] Foram os primeiros que acreditaram em mim e me levaram. O primeiro momento parte deles.” (GRIÔ VOVÓ CICI).

Entre outras possibilidades de reflexão sobre esta prática educativa de Vovó Cici, destacamos a notória preocupação para com as crianças tanto por parte da instituição, quanto por Vovó Cici, em trazer para as elas saberes que estão conectados com suas vidas, que tenham sentido para elas e que sejam uteis para seu dia a dia. Um conhecimento que os instrumentalizam para o enfrentamento dos desafios vividos.

Para além, toda a ação conecta a história de vida das crianças com o ontem e o hoje,

parafrazeando seu Antônio, outro participante da pesquisa: é a história de ontem em diálogo com a história de hoje. Caminham conectadas nesta prática educativa a cultura e a educação. Vovó Cici é uma mais velha brasileira que atou na Ação Griô na qualidade de griô.

Considerações finais

A Ação Griô Nacional promoveu um movimento positivo e significativo em direção a mudanças decoloniais na educação brasileira quando auxiliou as/os mais velhas/os com vida na tradição oral do Brasil participarem como agentes da educação em processos educativos em escolas e universidades. Consideramos esse movimento um meio de implementar cotas epistêmicas, compreendidas a partir dos estudos de José Carvalho (2020). Neste sentido, as narrativas afro-brasileiras e indígenas de mais velhas/os com vida na tradição oral passam a ser referência epistêmicas para processos de produção de conhecimentos em espaços escolares.

Conversando com os griôs, em especial, vovó Cici, compreendemos o que os motivaram a participar das atividades da Ação Griô Nacional: estas/estes griôs acreditam na educação como meio de transformação de realidades, consideram o trabalho que realizaram gratificante, a atividade como griô nesta Ação oportunizou a troca de saberes entre diferentes griôs, para o próprio griô, que passou a atuar a partir da Ação Griô nesta qualidade, a oportunidade de se conectar novamente com a tradição oral e com os saberes populares, por contribuir para a formação de pessoas negras e por notar nos executores das ações dos projetos pedagógicos parceria, motivação e exemplo. Além disso tudo, demonstraram olhar para a tradição oral como fonte de saberes significativos para a formação humana de estudantes. Suas atividades seriam, neste sentido, uma contribuição.

Percebemos griô como um título político e de representação do universo negro brasileiro, pois o termo existe a partir do *griot*, um indígena ou uma pessoa branca com vida na tradição oral receber este título seria pincelar o griotismo com tons indígenas e brancos. Mas podemos dizer que tais pessoas podem desenvolver o griotismo, se os saberes que detiverem forem afro-brasileiros ou de origem africana e se expressarem a cultura *griot* no que fazem.

A Ação Griô Nacional promoveu um movimento positivo e significativo em direção a mudanças decoloniais na educação brasileira quando auxiliou as/os mais velhas/os com vida na tradição oral do Brasil participarem como agentes da educação em processos educativos em escolas e universidades. Consideramos esse movimento um meio de implementar cotas epistêmicas.

As/os participantes da pesquisa afirmam que estudantes ao acessarem os saberes da tradição se distrairiam de forma diferente, do habitual promovido pelas tecnologias. Como também seria oportunizado o resgate de brincadeiras e de outras manifestações culturais, ensinadas por elas/eles, que estão adormecidas.

A presença dos griôs em espaços educativos servirão como intervenção decolonial; referências que denunciam o apagamento histórico dos diferentes saberes; é um meio de acessar narrativas que trazem positivamente uma vez que são agentes da história as/os ancestrais negras/os brasileiras/os; fonte que expressa o modo de ser, de viver, de organizar lutas próprios do povo afro-brasileiro (Silva, 2005).

A Pedagogia Griô é uma prática pedagógica com origem na Bahia que é realizada, neste sentido, por epistemologias que “denunciam a supressão das muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados”. (Gomes, 2017, p. 54).

As histórias cantadas e contadas, as experiências narradas e compartilhadas em uma sala de aula, escola, universidades, espaços educativos, pelos mais velhos não estão registradas nos livros; os momentos de conversas com eles é um processo formativo de escuta, de respeito ao próximo, a quem fomos, a quem somos e a quem podemos ser. Suas narrativas não são só fonte de saber, são também momento afetivo entre gerações, vínculo que devemos a cada dia cultivar para que possamos nos respeitar nas diferenças e nas diferentes fases da vida.

Referências

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. , ASPHE/UF-Pel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223> Acesso em: 30 jan. 2024.
- ALBUQUERQUE, Andréa Serpa. **Quem são os outros na/da avaliação?** Caminhos possíveis para uma prática dialógica. 2010. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: UNESCO. **História geral da África**, l. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parecer nº CNE/CP 003/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Ato Portaria nº 06, de 22 de outubro de 2008**. Disponível em: http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/cultura_viva/wp-content/uploads/2008/10/portaria-06_resultado_acao-griou.pdf. Acesso em: 25 jan. 2024.
- CARVALHO, Dimaura Fátima. **A cultura popular para dentro dos muros da escola. Ação Griô Nacional:** indicando possibilidades. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 79-106.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- LOPES, Juliana. A Ação Griô: uma proposta política nacional. In: BARBOSA, Frederico; CALABRE, Lia (org.). **Pontos de cultura:** olhares sobre o Programa Cultura Viva. Brasília, DF: IPEA, 2011. p. 139-154.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa Qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MUNANGA, Kabengele. Identidade, Cidadania e Democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, São Paulo, v. 5, p. 17-24, 2006. <https://doi.org/10.20396/resgate.v5i6.8645505> Acesso em: 15 jan. 2024.
- NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.
- PACHECO, Lilian. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, São Paulo, n. 3, p. 22-99, mar. 2015. Disponível em: <https://diversitas.fflch.usp.br/revista-diversitas-0>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v.27, n. 1, Belo Horizonte, p.369-38, abr. 2011.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017> Acesso em: 20 jan. 2024.

PEREIRA, Patrícia da Silva. **Griot-educador: a Pedagogia ancestral negro-africana e as infâncias, em um espaço de cultura afro-gaúcha.** 2015. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

ROCHA, Sophia Cardoso. **Programa Cultura Viva e seu processo de estadualização na Bahia.** 2011. 231 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. *In: MUNANGA, Kabengele (Org.). In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na escola.* 2 ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 155-172.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In: NASCIMENTO, AD.; HETKOWSKI, TM. (org.). Memória e for-*

mação de professores (online), Salvador: EDUFBA, 2007. p. 58-74.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea (online)**, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/4750> Acesso em: 05 dez 2023.

XIMENES, Ana Karolina Pessoa Bastos. **Saberes ancestrais indígenas dos tapeba de Caucaia - CE:** contribuições e diálogos com a educação ambiental dialógica. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

Recebido em: 15/04/2024

Revisado em: 15/09/2024

Aprovado em: 27/09/2024

Publicado em: 25/11/2024

Adriane Carneiro de Almeida é Mestra em Educação, pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora da Rede Municipal de Alagoinhas, Bahia. Participa do Grupo de pesquisa RIZOMA-UEFS. *E-mail:* ane.carneiroalmeida@gmail.com

Marco Antonio Leandro Barzano é Doutor em Educação, pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Coordena o Grupo de pesquisa RIZOMA-UEFS. *E-mail:* malbarzano@uefs.br